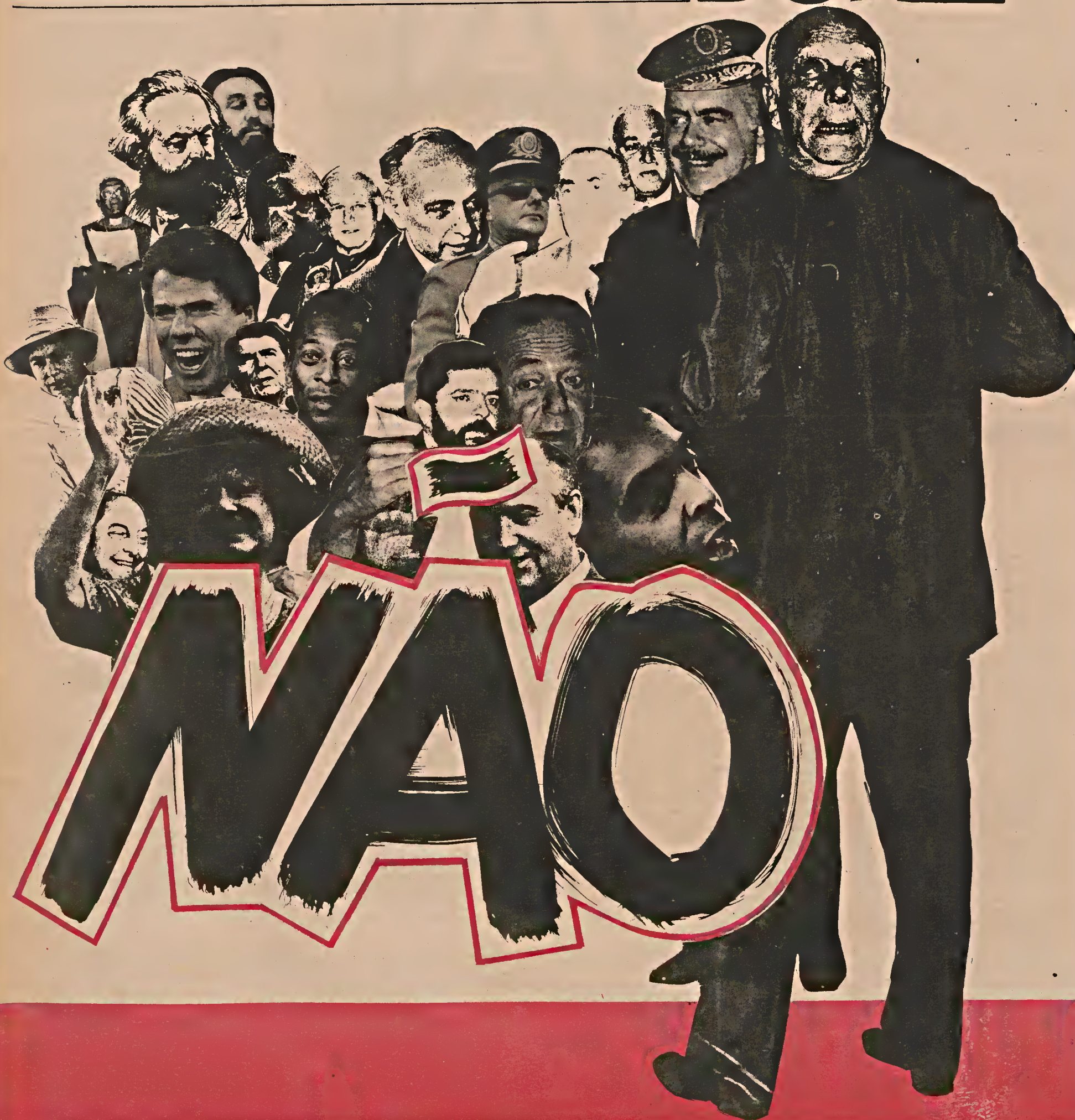


O INIMIGO

DORÉ

Enfim um jornal anarquista
Julho/Agosto de 1987. n.º 20. Cz\$ 20,00.



Eleições diretas ou ações diretas?

O que é um Governo? A cada quatro anos pensamos que através do voto estamos escolhendo nossos governantes. Estamos? Você não tem controle sobre a política, funcionalismo público, ministérios, impostos, etc. Mas dizem que estamos numa democracia!

No ano passado, elegemos constituintes, governantes, deputados (nos Estados), que já tomaram posse há três meses. É essa turma, na sua briga com o Governo para ver quem fica com a maior fatia do poder, que agora pede eleições diretas. Mas, vejamos só, será que eles têm atuado melhor do que nos tempos da ditadura? Um simples exemplo: *Quase todos os governadores acabaram com o gatilho para os servidores públicos*, antes que o governo central o fizesse. É justo?

Na hora em que o povo já faz sua experiência com os políticos eleitos, setores da esquerda voltam a falar em eleições diretas. É porque não têm mais o que propor! A esquerda de gabinete só sabe *pedir* que o governo atenda isso ou aquilo. Por que a reforma agrária não vingou? Sejamos sérios: o Governo boicotou e os próprios movimentos de camponeses não foram capazes de fazê-la na marra. E o congelamento? Por que os seus defensores não se mobilizaram para barrar o fim do congelamento de preços? Ao invés disso ficaram choramingando pelos corredores da prostituição.



Alcindo (Coletivação — Brasília)

Vivemos a maior crise de nossa história, da qual nem nossos "revolucionários" estão imunes. Nas páginas do "Voz da Unidade", os comunistas choramingam sua decadência (0,5% dos votos em 15 de novembro último). O PT cresce eleitoral-

mente mas a sua organização interna (núcleos) sofre um contínuo esvaziamento. E as dezenas de "partidos da classe operária" são incapazes até mesmo de levar ações em conjunto.

Mais uma dose de "eleições diretas" se-

ria o golpe fatal no doente já moribundo. Coloquemos a questão no seu devido lugar: o povo brasileiro é capaz de se livrar de sua classe dirigente para se autogovernar? Ou estaremos condenados à barbárie, que nos espera no final do túnel?

Se em outros tempos ainda tínhamos motivos para hesitar e até mesmo apoiar a aspiração às diretas, hoje não devemos temer dizer "não" a essa farsa (a história só se repete assim — vide Marx). Todo esforço perdido pelo decadente Estado burguês deve ser transportado para os movimentos sociais. É na busca de uma nova prática, e não na macaqueação do estilo de política da classe dominante, que residem as possibilidades de mudança.

Basta de conchavar e negociar artigos na Constituinte e índices de aumento salarial (120% de nada é nada mesmo!). Não tenhamos medo de dizer que somos:

- pela ação direta sem intermediários;
- pelo fim do atrelamento dos sindicatos ao Estado e pela construção de sindicatos livres (reconstrução da central operária brasileira COB — Anarquista);
- não às diretas em 87, 88, 89, 90 ou 2001!
- mudanças já: vamos nós mesmos garantir a reforma agrária, não pagamento da dívida, ensino gratuito por nossos próprios meios! Fora Sarney e todos os atuais (e candidatos a) governantes!
- pelo fim do salariato; expropriação dos meios de produção sob controle dos próprios trabalhadores!

Anarquismo pelo mundo

Nada sobrevive atuando e crescendo se não tiver uma razão de ser social, se não responder a determinadas expectativas e necessidades. É muito difícil alguma coisa manter-se apenas pela vontade de uma pequena minoria.

De todas as correntes de socialismo, só duas se mantiveram até hoje: o anarquismo e o marxismo. Poderíamos lembrar também o socialismo moderado, mas este muito rapidamente participou do poder e hoje se confunde com as soluções burguesas para as sociedades capitalistas selvagens.

Pelo que se sabe, não existem mais seguidores de Saint-Simon, Owen, Fourier ou um sem número de teóricos socialistas que gozaram de certo prestígio no passado. A história encarregou-se de eliminar suas propostas. Que se tenha notícia, hoje, no Brasil, não existe nenhum movimento organizado, mesmo que pequeno, de Saint-simonistas, por exemplo. Os próprios maoístas, se é que ainda existem no mundo, estão em decadência. No entanto, houve época que pareciam querer dominar as tendências socialistas.

Já os anarquistas mantiveram-se, desde a Primeira Internacional, em franco crescimento ou numa constante em número de militantes, publicações e organizações. Isso indica que é uma doutrina não só viva mais vigente, que responde a necessidades individuais e históricas. Existe de forma organizada em todos os países do mundo, com exceção daqueles que vivem numa ditadura feroz (socialista autoritários, onde

existem na clandestinidade ou no exílio, como no caso de Cuba e Bulgária). De Hong-Kong à Noruega, temos movimentos organizados, com publicações, penetração em todas as lutas libertárias. Em alguns países como França, Itália e Espanha, há movimentos vigorosos. Na Espanha, como divulgamos em outro artigo dessa edição, a CNT, central anarco-sindicalista, possui 100 mil filiados. No nosso entender, levando em consideração a crise do sindicalismo tradicional no mundo inteiro, a CNT é uma prova da vigência das nossas propostas. É compreensível que a imprensa burguesa não divulgue uma central sindical que conta com mais de 100 mil militantes; num país da importância da Espanha, e prefira debater os casos extraconjungais de Lady Di... Ou as bombas do ETA pelo que tem de dramático, de irresponsável, de queimativo para quem quer mudar a sociedade. A burguesia é esperta...

O crescimento do anarquismo, hoje, a nível internacional e a infinidade de publicações demonstram o interesse crescente inclusive aqui no Brasil.

Com a falência do marxismo, que a cada dia perde mais o bonde da história (a "democratização" russa, hoje, se não for uma manobra para consolidar Gorbachev no poder, é absolutamente incoerente com a ditadura do proletariado e a orientação econômica estatal centralizada proposta pelo marxismo), o anarquismo desponta como a única solução revolucionária aberta aos trabalhadores.

"Anarquismo hoje" é programa no Rio

O *Círculo de Estudos Libertários* do Rio de Janeiro realizará, no mês de julho, uma série de palestras sob o título geral de "Anarquismo Hoje". O objetivo é trazer alguns problemas polêmicos das práticas do socialismo para o espaço livre do debate não manipulado. A autogestão, a autonomia operária, partido político e vanguarda, socialização e estatização, prática sindical, sindicato atrelado, anarco-sindicalismo, ação alternativa, movimento extra-parlamentar, o Estado e o poder, serão alguns dos temas debatidos.

As palestras serão realizadas no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Largo de São Francisco, Rio de Janeiro, com início às 19 horas e será cobrada uma taxa de Cz\$ 40.00 por aula. O programa das palestras é o seguinte:

9 de julho — *Problemas atuais do Socialismo* pelo professor Maurício Tragtenberg; 16 de julho — *Anarquismo Hoje e Militâncias Alternativas* por Jaime Cuberos; 23 de julho — *Movimento Sindical e Anarco-sindicalismo* por Leonardo Moreli; 30 de julho — *O Estado Hoje* por José Carlos Orsi Morel



O INIMIGO DO REI

"O INIMIGO DO REI" é uma publicação da Editora e Livraria "A" Ltda. (CGC/MF 14727671/0001-63), Caixa Postal 2540, Salvador, Bahia, Brasil. CEP 40.021.

Se Você tem interesse em anarquismo, procure-nos, em Salvador, no Centro de Documentação e Pesquisa, Anarquista (CDPA), Praça da Sé, Edifício Themis, 5.º andar, sala 505, ou então escreva para a Caixa Postal: 2540, CEP 40.021, Salvador, Bahia, Brasil.

Nós respondemos a toda e qualquer carta.

Capa: Carlos Rodrigues

Composição: WJ — Fotocomposição Ltda. — Tel.: 240-9043
Impressão: Tribuna da Imprensa

Do poder ao contrapoder

I — Sobre o Estado

Segundo Engels, o aparecimento do Estado se dá no momento em que a sociedade se divide em classes. Assim, o Estado teria sido criado como forma de legitimação e garantia à emergente sociedade de classes onde o excedente de produção marcava a passagem a um novo tipo de sociedade, onde a exploração do homem pelo homem e o trabalho excessivo de uns em proveito de outros passava a ser do *status quo*.

Habermas, numa visão mais atual, diz: "O quadro institucional da sociedade já não coincide diretamente com as relações de produção... O estado e a sociedade não mantêm mais o tipo de relações que a teoria marxista definira como sendo superestrutura/ base... Não é mais possível criticar o sistema de dominação atacando apenas diretamente as relações de produção. O que o século XX deveria, assim, ter-nos ensinado, é que o Estado não pode mais ser considerado como o guarda de uma ordem cujo desenvolvimento é exterior a ele".

Para Clastres, o político precede o econômico. Assim, primeiro teria surgido o Estado e só como consequência a propriedade privada e a sociedade de classes.

Este é realmente um grande dilema. Quem terá precedido a quem? O Estado às classes ou vice-versa?

Bem, talvez não seja uma questão à qual se possa dar uma resposta definitiva. Mas aproveitamos aquilo que é de consenso entre as duas teorias: o Estado tem como função a dominação e a usurpação.

É claro, como coloca Foucault, que o Estado atual não é aquele que tudo toma, tudo cobra — o típico Estado tirano. O Estado criou métodos de controle muito mais sutis. Criou uma interzona burguesa (nos termos de Guatarri) que hoje caminha livre tanto nas classes privilegiadas como nas operárias, média e lumpem.

"Os alemães não foram de modo algum enganados por Hitler e os seus. Os alemães queriam e precisavam de um Führer. Precisavam do fascismo, porque era de fascismo que estavam impregnados", disse Reich, com acerto.

Percebemos, infelizmente, e novamente citando Guatarri, que "o rei está por toda parte. Que a luta já não se limita a um único front — o Estado — mas que os *fronts* se multiplicaram ao infinito e estão também em nós, apesar de nós".

Assim, é preciso repensar a prática anarquista. Os anarquistas tiveram sempre como alvo primeiro de suas críticas e de suas lutas o Estado. Mas como o poder não é uma coisa que se "possui", mas que gira incessantemente, entre nós e fora de nós, vale o toque do Foucault: "Nada mudará a sociedade se os mecanismos de poder que funcionam fora e abaixo e ao lado dos aparelhos de Estado a um nível muito mais elementar, cotidiano, não forem modificados".

É preciso estarmos atentos. Guatarri e Foucault se reportam ao Primeiro Mundo como ponto de referência e estes estudos citados. Não quero arriscar que eles não nos servem. Seria absurdo. Mas como habitante de país sul-americano, prefiro dar mais ênfase a certo aspecto do Estado: o tirano-coercitivo.

A maioria da população do Terceiro Mundo não tem a mínima esperança de galgar qualquer estágio na hierarquia da sociedade burguesa. A repressão refinada (do tipo escola e família nuclear burguesa) é um privilégio de poucos. Tropas de choque e porrada são ainda o frenesi da maioria.

II — Sobre a servidão voluntária e a delegação de poder.

Qual o motivo que faz com que os homens se submetam a outros homens? O que faz um operário pensar que o patronato e o governo são indispensáveis? O que o faz pensar que os homens livres não podem se associar, se apoiar, se autogerir e aos meios de produção e a toda a sociedade?

Reich dá uma resposta abaladora: "A humanidade não está preparada para se autogerir", mas conclui de forma mais tranquilizadora: "Mas, ao contrário do que dizem os ideólogos burgueses, o processo é reversível".

Reich, em seus livros "A Irrupção da Moral Sexual Repressiva" e "Psicologia de Massas do Fascismo", levanta a seguinte teoria: "Em dado momento, as sociedades 'primitivas' romperam com o elo que as ligava a uma sociedade inteiramente igualitária, com privilégios concedidos a um chefe que começava exatamente aí. Começava-se a delimitar 'quem pode casar com quem e quem trabalha para quem', nas relações familiares. O casamento passava a ser sempre em proveito de alguém e em detrimento de outro.

Carlos (Coletivação — Brasília)



Desta forma, era preciso castrar certas potencialidades sexuais (principalmente em crianças) para que não ocorressem relações sexuais onde, de alguma forma, alguém não usurpasse algum lucro".

Passa-se, assim, à sociedade patriarcal, onde o homem detém os meios de produção e os acumula. Onde, para se manter em posição privilegiada, o patriarca reprime sexualmente filhos e mulheres, dando-se unicamente a si mesmo o direito à poligamia e ao acúmulo de bens materiais, acompanhado de maior poder político.

Bem, Reich concorda com Engels no seu "A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado", nos pontos tocantes ao meramente político e econômico, mas acrescenta — e aí está o seu mérito — a questão da economia sexual.

Para Reich, o homem reprimido sexualmente é um homem doente e, portanto, descharacterizado de suas potencialidades. O reprimido sexualmente não é por inteiro. É um ser psiquicamente perturbado e energeticamente desestruturado.

É desta forma que Reich analisa a Alemanha fascista. Analisa a incapacidade que as pessoas adquirem de não serem sujeitos de sua própria história. O homem que não está por inteiro, precisa de ídolos. Precisa de fantasias que lhe façam parecer inteiro. Passa a sentir o que verdadeiramente não é. Sente-se no Führer, imita-o, glorifica-o. Assim, chavões políticos como "nosso povo", "nossa pátria", "a classe trabalhadora", "nossa raça", "nosso partido" se assentam perfeitamente.

E quanto àqueles "pecebistas ortodoxos" que defendem a tese de que a culpa única foi da classe média, "resquício último da sociedade burguesa", vale a pena salientar que grande parte da classe trabalhadora deu seu apoio. E mais, ou melhor, e muito mais!, o lumpem alemão formou as tropas nazistas!! (e me desculpe Bakunin).

Mas é claro que não estamos mortos. Apesar de impregnada em nós tamanha bagagem da cultura patriarcal, não estamos inteiramente vencidos. Ainda há em nós algo de único, de homem, de indivíduo. E é essa a nossa batalha atual: fugir à massificação e alienação contemporâneas (e ao

mesmo tempo lutar pela destruição de suas causas), criando vínculos, desreprimindo-nos sexualmente, criando laços e livres-contratos... porque sabemos que nenhum socialismo pode ser construído sem que as pessoas se descubram umas às outras e a si mesmas.

III — A democracia burguesa, hoje.

O grande lance dos petistas, pecebistas e tendências de outras seitas, hoje, é clamar pelo "direito que todo cidadão possui de votar e escolher seus próprios governantes".

É compreensível que se posicionem desta forma. Partido político e Estado são inseparáveis. E como dizia Drummond, "é tempo de partidos, de gente partida".

A democracia burguesa baseia-se no sufrágio universal. Este foi um mecanismo encontrado pela classe governante para fazer com que as pessoas se achem participativas. Assim, de quatro em quatro anos, vai-se às urnas. Aposta-se num candidato e abdica-se por mais quatro anos de tudo o que se refere ao destino de sua vida.

A democracia burguesa é uma farsa. Não pode haver democracia numa sociedade onde haja divisão de classes, repressão sexual, propriedade privada, Estado...

O voto em condições burguesas significa delegação de poder de toda a população a uns poucos, que, eleitos, se prostituirão rapidamente ou — no melhor dos casos — perceberão a incapacidade de resolver quaisquer que sejam os problemas da comunidade de fora para dentro (porque o parlamento é sobreposto e alheio à sociedade).

Um ano atrás, numa entrevista, Roberto Freire escandalizava a "esquerda" da capital paulista. Segundo ele, o "O PT é mais reacionário que o PDS, haja visto que se o primeiro é declaradamente um partido de latifundiários e banqueiros, o segundo, proclamando-se 'dos trabalhadores' não faz mais que desviar e enterrar todo o potencial revolucionário da classe trabalhadora para o parlamento, fazendo com que as pessoas se sintam participativas, de quatro em quatro anos, com o ilusório direito do voto".

Assim, defender o direito ao voto, em condições burguesas, significa defender o direito à escravidão.

IV — De volta ao futuro

Clastres, em seu livro "A Sociedade contra o Estado", põe abaixo o etnocentrismo e evolucionismo da visão antropológica vigente.

Para ele, Engels engana-se quando supõe que inevitavelmente todas as sociedades "primitivas" evoluirão do seu estado de "anarquia" absoluta para uma sociedade patriarcal com o surgimento do Estado e da propriedade privada.

Clastres descobre nos "primitivos" da América do Sul uma ordem social baseada no contrapoder, onde ser o chefe significa um enorme fardo. Estuda uma nova forma de poder, difícil de ser compreendida pelos ocidentais porque essa nova forma assume a forma do contrapoder: o poder não coercitivo. Clastres defende (um chute, é claro) que estas sociedades sem a interferência do "nosso" mundo, nunca necessitariam do Estado.

Aqueles a quem comumente chamamos de primitivos fazem da não-coerção uma forma ecológica de sobrevivência.

Clastres opõe-se ainda aos argumentos etnocêntricos de que a produção econômica dessas sociedades era mínima devido à falta de tecnologia. Segundo ele, essas sociedades não conheciam o trabalho alienado que se produz excedentes para outrem. Os "primitivos" trabalhavam de duas a três horas por dia, o suficiente para se manterem, deixando o restante do dia para a dança e a diversão. Desse ponto de vista, podemos concluir que qualquer avanço na "tecnologia" de produção dos primitivos é utilizado não no aumento da produção (qual o interesse em produzir excedentes numa sociedade onde há exploração do homem pelo homem?) mas sim na diminuição da carga horária diária de trabalho.

A partir dessas descobertas etnológicas, perguntamo-nos:

A luta pela criação de uma sociedade igualitária, pluralista e autogestionária é viável? Respondendo sem hesitação que sim, afinal, além de exemplos baseados em sociedades "primitivas", temos também exemplos históricos onde, apesar de todas as contradições, a autogestão foi implantada. Cito os de maior expressão: as experiências de Kronstad e dos ucranianos, ambas na Rússia pós-revolucionária e que foram massacradas pelo partido bolchevique e seu Exército Vermelho. A experiência dos anarquistas espanhóis em 1936 também é de enorme valor.

O anarquismo hoje, é a luta para o homem se tornar inteiro, senhor de si. E mais do que nunca isso tornou-se necessário. A merda do poder e da opressão toma os poros de nossos corpos.

E se as sociedades ocidentais não conseguiram até hoje se livrar do Estado, da propriedade, da repressão sexual, é porque elas não estavam preparadas para isso. Porque, como disse Etienne de La Boetie em seu "Discurso da Servidão Voluntária", "não é preciso que os súditos destruam ao rei e aos seus subordinados, é preciso apenas deixar de servi-los". Assim, nem governo, nem patrão, nem polícia... teriam atravessado séculos em atividades se os homens estivessem, por inteiros, cômicos de seus direitos e deveres, "sem fé e sem lei".

Não pode haver tiranos onde não há súditos.

Assim, o anarquismo, dado ao altíssimo grau de alienação do homem moderno, torna-se a única saída viável para a humanidade isto, é claro, se o homem não optar pela sua auto-destruição, como vem fazendo. Bem, mas é preciso que sejamos realistas. A viabilização para a passagem de nossa estúpida forma de viver para uma sociedade socialista libertária é problemática e demorada. Experiências históricas mostram que as revoluções feitas pelos partidos com seus revolucionários profissionais não deram certo. E por que? Porque "a emancipação da classe trabalhadora é obra dos próprios trabalhadores". E os fins não justificam os meios. Se as pessoas delegam poderes a outras no intuito de que estas façam a revolução por todos, então, essas pessoas não estão preparadas para o socialismo. A revolução russa de 1917 é exemplo claro disso (e quando dela se fala, é preciso estar atento e não confundir estatização dos meios de produção com socialismo dos mesmos).

Se o socialismo que pretendemos é pluralista, autogestionário e igualitário, as lutas e o processo pelo qual queremos viabilizá-lo assim também o devem ser.

O dever, hoje, de todos os revolucionários é o de inventar nossa própria forma de contrapoder.

Pão, tesão e autogestão!!
Viva a anarquia!!

"Sonhar um Estado operário, governado por uma assembleia é o pior dos sonhos que nos inspira a nossa educação autoritária".

(Kropotkin)

REPRESENTATIVIDADE OU LEGITIMIDADE?

Na história contemporânea brasileira, o Movimento Estudantil (ME), desde sua organização nacional com a fundação da UNE, caracterizou-se por uma atuação destacada como força de pressão em várias lutas sociais. Disso temos prova no próprio nascimento da UNE, com a mobilização popular pela declaração de guerra à Alemanha, passando pela campanha de "O PETRÓLEO É NOSSO" até a contestação ao governo, em 68, quando foi esmagado pela repressão que fechou suas entidades e forçou seus líderes e ativistas não eliminados a passarem para uma forma mais violenta de enfrentamento ao regime militar.

O ME veio a renascer em meados da década de 70, retomando a frente nas lutas de oposição ao regime de 64. Porém, o seu papel de "vanguarda" foi finalmente reassumido por outros setores da sociedade civil organizada sob a forma de partidos, sindicatos etc. na medida em que a abertura política permitia a atuação destas organizações. Desde então, o ME vem perdendo sua força; suas entidades viram sua capacidade de mobilização (que nunca foi muito grande em situações normais) cada vez mais reduzida. Hoje, as eleições da UNE, UEEs e até mesmo as eleições de DCEs e CAs mal sensibilizam a grande maioria dos estudantes.

A CRISE: FALTA MOVIMENTO NO MOVIMENTO

Com certeza todos nós já ouvimos, de algum diretor de entidade, um belo discurso sobre o papel histórico do estudante e a importância de retomá-lo ou um desabafo desconsolado sobre a falta de interesse dos estudantes de sua própria escola. Os que são ativistas, os que investem seu tempo no trabalho do seu DA ou CA ou mesmo nas instâncias "superiores", também já ouviram outros tantos discursos e discussões sobre a necessidade do trabalho nas bases *versus* o trabalho em temas maiores, mais globalizantes e, à primeira vista, de menor interesse para o estudante, como a solidariedade às greves e às lutas dos operários e à luta política em si. As conclusões quase sempre são as mesmas:

— é preciso mudar o quadro atual das coisas;

— é preciso modificar a maneira de agir.

Talvez nos perguntemos por que diabos continuam a agir como sempre? Só seremos capazes de procurar a resposta, é óbvio, se ainda não estivermos com os antolhos que a ideologia recitada por certos grupinhos de "vanguarda" nos põe. Somente sem preconceitos ideológicos e esquemas baseados em lógicas falaciosas poderemos tentar analisar esta questão, re- vendo, no meio dos fatos acima, a verdadeira forma de atuação das entidades estudantis.

O ME extraía sua maior força de mobilização das grandes questões nacionais de interesse geral e de um bom número de ativistas, boa parte deles ligada a organizações de cunho político (partidos e grupos de direita, centro ou esquerda). Com o golpe de 64, o principal veículo de oposição ao regime que restou à esquerda foi o ME, com seus quadros de ativistas em sua maioria idealistas ou apenas bem intencionados mas presos às pretenciosas e messiânicas concepções de vanguarda (marxistas e similares). Mesmo após a eliminação física desta "vanguarda", a esquerda continuou a ter no ME um dos seus maiores celeiros e uma das melhores "armas" disponíveis no início da abertura. Isso explica o aparelhamento, a um nível saturante, a que chegou o ME alguns anos atrás. No entanto, este aparelhamento gerava, artificialmente, o ressurgimento do ME, com muitos ativistas levando suas propostas partidá-

As estruturas do movimento estudantil e a sua crise

Henrique Zucchi

(Coletivo do Grupo Anarquista José Otílica — Rio de Janeiro)



rias e praticamente encabeçando o setor popular de pressão contra o governo. Sem, no entanto, conquistar uma efetiva e consequente conscientização cotidiana.

Com o início da "abertura", diversas outras forças sociais conquistaram lentamente um maior espaço de atuação. Atualmente, muitos dos partidos e grupos que militavam intensamente no ME estão no governo ou têm um leque de atuação muito maior (MR-8, por exemplo). Mesmo tendo diminuído de intensidade, o aparelhamento ainda existe e ainda é forte. No entanto, qual foi o fruto real, na organização dos estudantes por si próprios, que isso rendeu? Não houve fruto algum. Em algumas escolas, com a saída dos ativistas estudantis — que, em sua maioria, eram ligados a partidos, levavam seu trabalho muito bem mas não consideravam necessário o desenvolvimento da iniciativa própria (não dirigida) das pessoas — houve até o desmantelamento de CAs que, dentro de certos conceitos, eram fortes, atuantes e até tradicionais nesta fase do movimento.

Desprovido de moto próprio, o ME, periodicamente, agita-se com uma grande questão nacional ou de interesse mais específico de todos os estudantes. Neste momento, a "vanguarda", como um corpo de oficiais que por fim encontra seu exército, procura conduzir e orientar a onda de mobilização. Vimos isto, recentemente, com o projeto de reforma universitária do GERES.

Faltam as "vanguardas" lucidez para avaliar os atos dos estudantes e modéstia para preparar melhor sua organização. É que, tão avanço de todos, acabam não vendo a realidade, para onde o grosso do movimento está indo, perdendo o contacto com o mundo material e ficando atônitas no mundo das idéias, limitadas a recitar as interpretações de suas cartilhas. Mesmo quando os atos são notáveis, isso não significa um aumento quantitativo ou qualitativo no número de participantes. São sempre os mesmos; os mesmos que decidem e os mesmos que participam, com a entrada ocasional de um ou outro novato, que acaba servindo de peça de reposição. No entanto, já são suficientes para emocionados discursos sobre o renascimento do ME.

ALTERNATIVAS POSSÍVEIS

Como é honestamente possível existirem, com o nível de participação atual, entidades como a UNE e a UEE que se dizem representativas dos estudantes, que falam em seu nome perante o governo, universidades, instituições dos diversos aparelhos de Estado, enfim? Quando o número de votos válidos nas eleições para qualquer uma destas entidades atinge 30% do eleitorado potencial, todas as tendências consideram

isto uma vitória, um avanço na busca da legitimidade — não importa que dentro destes 30% é que se vai disputar a representação de toda a enorme maioria ausente. O que conta é o poder de *representar*, falar em nome dos estudantes, apresentar suas próprias idéias e concepções como desejo de toda a maioria, excluindo qualquer outra forma de representação ou de participação. Fala-se muito em participação estudantil, mas qual é a participação que aqueles que elegem (todos os estudantes) e aqueles que são eleitos desejam? Vale mesmo perguntar se esta questão em si própria (forma e conteúdo da participação) é discutida durante os processos eleitorais e no dia a dia dos estudantes. A atual situação pode ser resumida com o velho chavão: "falta trabalho de base!" É simples dizer isto, só que há concepção totalmente antagônicas entre o trabalho de base que propomos e o que eles desejam executar.

Um trabalho de base que vise à organização legítima dos estudantes deve auxiliá-los a resolverem, por si próprios, os seus problemas, e a desenvolverem, através da busca de soluções para coisas cotidianas (como a qualidade e os objetivos do seu curso etc.) a solidariedade e a visão mais ampla da questão social e da sua inserção, como estudantes e seres humanos e dos seus cursos, nela. Um trabalho de base assim nunca procurará criar entidades em cujos estatutos se afirmem representantes de todos os estudantes (além de se impor sobre uma coletividade, são uma impostura até a nível filosófico). Uma organização não deve procurar impor suas opiniões nas assembleias por meio de manipulações de mesa, claque, atrasos no encaminhamento etc; nem tirar da plenária o direito de eleger a mesa em cada reunião. Não deve rotular o desejo da maioria como mais ou menos progressista e sim procurar cumpri-lo e garantir também a livre manifestação da minoria e o espaço para o questionamento das deliberações.

Por que um CA, mesmo eleito por 100% dos alunos, deve representá-los em coisas muito além do imaginável no programa e na



linha política da chapa?! Por que uma assembleia geral não pode destituir uma diretoria? Entendendo-se assembleia geral como uma reunião com pelo menos 50% dos alunos e não as atuais, ínfimas e manipuladas, que servem apenas aos interesses da "vanguarda" dominante.

Se os ativistas (quase todos ligados à esquerda) desejam no íntimo uma sociedade nova, livre e igualitária, por que reproduzem as práticas e métodos burgueses de partidos e representação?! Por uma falha de raciocínio própria ao marxista, que crê que pode liberar e saber o que é o melhor para todos, aquele leva sua vontade como a de um todo, de um coletivo, não impor-

tando se o grupo o acompanha ou não. Enquanto tal maneira de agir persistir, continuaremos a ouvir belos discursos e a ver as "lideranças" tentando equilibrar-se na crista de cada onda ocasional de mobilização estudantil. Veremos, ainda, a indiferença pela organização e atuação própria dos estudantes no seu cotidiano, essencial para a melhoria das suas condições de estudo e trabalho. Isso sem mencionar o famoso papel histórico!

O que propomos? Propomos a auto-organização dos alunos com liberdade de experimentação e discussão dos tipos de organização e das formas de representatividade e legitimidade, mantendo-se sempre o espaço para as diferenças e o debate. Um trabalho de base que procure desenvolver a autogestão, pelos alunos, dos seus problemas, deve buscar a transformação das entidades "representativas" atuais. Os Centros Acadêmicos devem mudar sua concepção representativa, deliberativa e centralizadora, que em alguns chega ao cúmulo dos organogramas de um pequeno governo: presidente, vice, secretários etc., etc. Os CAs devem passar a significar Coletivos Acadêmicos! O CA de uma escola não deve representar, necessariamente, todos os alunos dela, mas apenas os que se julgam representados por ele; sendo os alunos filiados, voluntariamente, à entidade. Em um CA não devem haver restrições à participação de ninguém, sendo apenas um órgão executivo de um programa de atividades decidido por meio de assembleias e discussões com todos os alunos.

O DCE não deve ser uma direção *central* mas sim uma coordenação geral, com o propósito de fazer circular as informações entre os diversos CAs, devendo funcionar como uma federação de CAs e não como uma instância de decisão, votando apoios a lutas que, por mais justas que sejam, não devem deixar de passar pela avaliação dos próprios estudantes e não apenas a uma "vanguarda" superior.

O que propomos, reconhecemos, não é muito fácil. Não pela existência de alguma dificuldade intrínseca ao projeto mas pela dificuldade que as pessoas têm de livrarem-se de tudo o que lhes foi inculcado: dos preconceitos, das idéias artificiais — dois mais dois podem ser cinco, desde que não contradiga o que lhes foi dito que é normal. O Estado, por meio de seus diversos aparelhos ideológicos (família, escola, religião etc.) diz às pessoas o que é normal — o normal é achar natural sua estrutura falsa e opressora.

Pode ser difícil nos organizarmos e desenvolvermos nossa própria iniciativa, porém mais difícil ainda é tentar representar e falar pelos outros e ao mesmo tempo querer que estes se organizem. Se não procurarmos nos organizar de forma legítima, estruturando os níveis "gerais" de coordenação (nunca de centralização), como os DCEs e UEEs apenas quando estivermos em condições reais de bancá-los, nunca deixaremos de enfrentar crises, movimentos sem "massas", estruturas fantasmas etc. Continuaremos a criar, apenas, precárias tribunas de onde a voz de uns poucos continuará a gritar suas próprias e específicas idéias, em nome de uma grande maioria indiferente, para uma enorme platéia de ouvidos moucos.

Vale a pena lembrar, por fim, que a tarefa fundamental que compete a todos nós não é a de formar (vale o cacófono) dos indivíduos uma massa homogênea capaz de ser liderada, representada, conduzida, ligada e desligada; mas sim contribuímos para que os indivíduos tornem-se seres humanos — HUMANIDADE de fato, que respeitem suas próprias diferenças e sua diversidade; e se auxiliem, solidariamente, lutando pela solução dos seus problemas e que tenham o moto contínuo da auto-iniciativa; proporcionado pela liberdade; por não dependerem de nenhum "representante"; de nenhuma autoridade.



A história de lutas da CNT-AIT

Júlio (Núcleo Pró-COB — Porto Alegre)

Falar da CNT-AIT espanhola, é falar de uma das mais combativas organizações anarco-sindicalistas do mundo. Sua história está ligada de maneira muito estreita ao desenvolvimento das idéias e das lutas dos trabalhadores a nível mundial. Não podemos esquecer que ela, juntamente com outras organizações, realizou o que para muitos não passava de um sonho utópico: a Revolução Social.

De fato, nos anos de 1936 a 1939 os trabalhadores espanhóis, organizados de maneira massiva na CNT, mostraram ao mundo a capacidade que eles próprios têm para gerir e administrar a sociedade, não necessitando de patrões e muitos menos de políticos, para organizarem uma sociedade mais justa.

Naquela época, a CNT contava com mais de 2,5 milhões de filiados, sendo, portanto, a maior força organizada dos trabalhadores espanhóis. Foram os seus militantes que impediram o sucesso imediato da rebelião franquista, organizando barricadas e tomando os quartéis dos revoltosos.

Sobre isso, muita coisa já se escreveu e discutiu. O que queremos destacar neste artigo é a luta da CNT pela emancipação dos trabalhadores, que não morreu com a vitória das forças fascistas. A CNT continuou atuando, na clandestinidade, dentro e fora da Espanha.

Com a morte do ditador Franco, a Espanha passa por um processo de abertura política visando a uma democracia parlamentar. A CNT/AIT sai da clandestinidade e retoma sua luta, agora com a garantia de uma dita sociedade democrática. Aos seus primeiros comícios e atos públicos, acorrem milhares de pessoas. Pensava-se a CNT/AIT iria retomar toda sua força de outros tempos. O desengano veio logo. Elementos de todas as forças políticas infiltraram-se em suas fileiras com o objetivo específico de destruir a única organização capaz de levar adiante o processo da Revolução Social (diga-se de passagem, a única realmente interessada).

De lá para cá, a CNT/AIT vem enfrentando inúmeros problemas que impediram o seu crescimento. Com a vitória dos socialistas e a consequência desilusão do povo espanhol, a CNT/AIT, com a coerência que lhe é peculiar, passa a ser encarada com mais respeito e seriedade.

Hoje, a CNT/AIT conta com mais de

100 mil filiados nos seus sindicatos e está presente em todas as lutas que interessam aos trabalhadores espanhóis.

Recentemente, a Espanha conseguiu a sua inserção no Mercado Comum Europeu. O preço a pagar é muito grande. Exige-se que sejam fechadas as indústrias, que do ponto de vista capitalista não sejam rentáveis. Isto refletiu-se de maneira violenta na indústria de construção naval.

A LUTA DA CNT/AIT EM PUERTO REAL

Puerto Real é uma localidade da baía de Cadiz, com pouco mais de 20 mil habitantes, onde estabeleceu-se uma verdadeira guerra entre os trabalhadores dos estaleiros e a polícia orientada pelo PSOE (Partido Socialista Obrero Espanhol), atualmente no poder. Os trabalhadores lutam pelo direito ao trabalho e à sobrevivência e a CNT/AIT se faz presente colocando em prática um de seus postulados básicos: a ação direta. Na verdade, é a única organização que está levando adiante e sustentando a luta dos trabalhadores de Puerto Real. As outras duas grandes centrais operárias da Espanha — a UGT ligada ao PSOE e a CCOO ligada aos comunistas —, omitiram-se, jogando por terra toda a luta dos trabalhadores que estão tomando em suas mãos o direito de decidir eles mesmos o seu destino.

Como se pode ver, a CNT/AIT, apesar de ainda não ser aquela organização de outros tempos, incomoda muita gente e cresce a passos firmes com sua postura revolucionária na defesa e luta pelos direitos dos trabalhadores.

A intenção do Governo e das outras forças políticas é bem clara: não se pode permitir que os trabalhadores atuem contra o governo à margem dos partidos políticos. Por isso, tentam isolar o movimento de Puerto Real de todas as formas e também encobrir a ação da CNT/AIT. A imprensa não publica uma nota sequer a respeito do conflito. A única informação possível é feita através da CNT/AIT que, num esforço enorme, tenta de todas as formas obter apoio nacional e internacional à luta dos trabalhadores de Puerto Real.

SOLIDARIEDADE AOS TRABALHADORES DE PUERTO REAL E A CNT/AIT!

Durruti: a vida e a morte de um operário anarquista

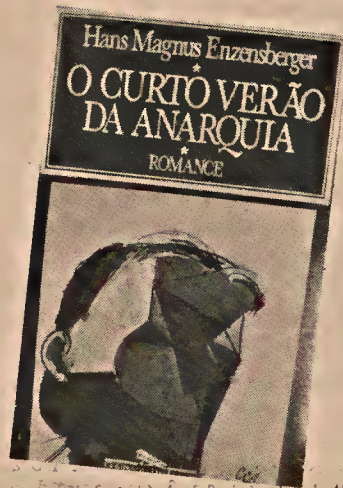
(Coletivo do Grupo Anarquista José Oiticica — Rio de Janeiro)

Hans Magnus Enzenberg, escritor alemão, é autor do *O Curto Verão da Anarquia*. A obra traz na capa a designação de romance, o que nos deixará perplexos se nos ativermos ao significado corrente do termo. É, antes, biografia elaborada de modo criativo, através de colagens de textos e entrevistas com pessoas que conheceram Buenaventura Durruti, tendo como pano de fundo a Espanha e as lutas sociais. O que poderia resultar num intragável pasticho, é na realidade um trabalho magnífico, denso, dramático. O real superando a imaginação. O metalúrgico Durruti, militante da Confederação Nacional do Trabalho (CNT), central anarco-sindicalista, permanecerá sempre dependente de sua atividade manual para sobreviver. A CNT, por princípios, não admite quadros burocráticos remunerados. As tarefas sindicais são exercidas após a jornada de trabalho. Impossível ao cenetista se profissionalizar, viver de emprego sindical, tornar-se burocrata, fundar partido, eleger-se deputado, ser cooptado, enfim, pelo sistema. A CNT continua atuante até o presente, não obstante, terem alguns críticos afobados passando-lhe atestado de óbito. Em 1936, era a central sindical mais importante da Espanha, com 2 milhões de aderentes. As forças da reação encarnadas na Igreja Católica, patrões, polícia, burguesia, tentavam liquidar as organizações operárias com grupos de pistoleiros. Os trabalhadores reagiram a altura. Nessa época dramática, ao lado dos instrumentos de trabalho, eles também carregavam pistolas. O fogo respondeu com fogo. Durruti estrutura o grupo "Os Solitários". Uma dúzia de titãs dispostos a tudo. Expropriações são efetuadas. O dinheiro é empregado na construção de escolas para camponeses, editoras, publicação de jornais operários. Pistoleiros e demais opressores tinham resposta exata e precisa na medida de sua ação. A fama de Durruti corre célere. Proclama-se que estava rico. Entretanto, sua mãe afirmava que ele, ao retornar a casa, após longas ausências, vinha com a roupa em farrapos. A luta cruenta e desgastante o obrigou a muitas vezes emigrar. Esteve em vários países da Europa e América, mas sempre retornando à Espanha quando a situação serenava. Ao aproximar-se 18 de julho de 1936, acentuaram-se os rumores de que um golpe de direita era iminente. O governo republicano estabelecido recentemente negava-se a armar as organizações sindicais. Em Barcelona, grupos da CNT há tempos se armavam. Um navio carregado de fuzis, atracado no porto, foi assaltado e as armas desviadas para os sindicatos. O povo é convenientemente municiado pelos anarquistas.

Ao verificar-se o levante de Franco, a CNT, grupos anarquistas comandados por Durruti, saem as ruas e após lutas dramá-

ticas, em que muitos perderam a vida, tomam a cidade de Barcelona. A 19 de julho as estruturas políticas da Catalunha estavam desfeitas. A CNT praticamente dominava tudo. Entretanto, convém frisar, que a Catalunha não é toda a Espanha. Ficava outra parte em poder do governo republicano que, ambigüamente, tenta um acordo com os rebeldes, o que nunca irá efetivar-se. A parte construtiva da Revolução, a mais importante, não figura no livro de Enzenberg, como a autogestão no campo, coletivização das indústrias, transportes, serviços sanitários, o que daria mais alguns volumes. O Comitê de Milícias resolve formar tropas para combater na frente de Aragon. É criada a Coluna Durruti, que irá se celebrar. A tentativa era de tomar Zaragoza, passar por Logrono e Virja até Bilbao, na costa atlântica. Teruel não poderia se defender após a queda de Zaragoza e a guerra logo estaria terminada a favor dos republicanos. A tentativa não foi efetivada por falta de armamentos adequados e sabotagem. É neste preciso momento que se começa a perder a guerra. Durruti se desesperava com a sonhegação de armas. Procuremos entender os fatos. Transformada a Revolução em Guerra Civil com a participação da Itália. Alemanha em auxílio a Franco e da União Soviética em ajuda ao governo republicano, a Espanha se transforma numa arena política. A ninguém interessava auxiliar diretamente a CNT, que se propunha a uma Revolução verdadeira. As armas, vindas de fora, eram preferencialmente entregues a grupos ligados a determinadas ideologias. As que a CNT possuía foram pagas a peso de ouro. Nada foi recebido do governo de Madri. Por outro lado, começara a crescer a influência dos bolchevistas. A União Soviética mandava armas, assessores militares e políticos. Daí o PCE, que não passava de alguns poucos membros, sem raízes na tradição ibérica, ter crescido. A situação de Madri tornara-se dramática e estava na iminência de cair nas mãos de Franco. Durruti, deixa a frente de Zaragoza e a 13 de novembro de 1936, com sua Coluna, chega à capital espanhola para defendê-la. O governo havia abandonado a cidade para se refugiar em Valência. A luta encarnizada travou-se dentro da cidade e em seus arredores. Aí tombaram para sempre 60% dos efetivos da Coluna Durruti. O próprio Durruti, ao voltar de uma inspeção na frente de batalha, ao saltar de seu carro, foi atingido por um projétil perdido, vindo a falecer, posteriormente, num hospital. Madri não caiu. A luta prosseguiu por mais três anos, porém a mancha do fascismo começava a tomar conta do mundo e prenunciava a 2.ª Guerra Mundial. O livro de Enzenberg é extraordinário e de leitura obrigatória para os interessados nas lutas libertárias.

O Curto Verão da Anarquia — de Hans Magnus Enzenberg. Tradução de Márcio Suzuki. Editora Schwarcz Ltda., S. Paulo, 323 págs., Cz\$ 370,00.



“Os ricos farão
tudo pelos pobres
menos descer
de suas costas!”

(Leon Tolstoi)

Contra o peleguismo, o anarco-sindicalismo.

Em meio do ano passado, no 1.º Congresso Anarco-Sindicalista, realizado em São Paulo, que contou com a presença de nove estados, ficou deliberada a rearticulação da Confederação Operária Brasileira (COB). Por proposta do Rio Grande do Sul, foi indicado um secretariado nacional, que congregaria os núcleos "pró-COB". Esse secretariado acabou ficando sediado em São Paulo até o próximo congresso. O nosso entrevistado, Leonardo Morelli, é membro desse secretariado.

IR — Morelli, você poderia dizer qual é o trabalho desse secretariado de articulação e qual a atual situação dos núcleos pró-COB criados no último congresso?

LM — Como o próprio nome diz, a tarefa é tentar criar condições de articulação e intercâmbio entre grupos de companheiros que tenham atuação na luta sindical numa perspectiva libertária, através de troca de correspondência (nacionais e internacionais), participação em palestras e debates com trabalhadores, buscando sempre difundir os ideais anarco-sindicalistas.

Nós vivemos um cenário político sindical bem definido. De um lado, estão os reformistas, de direita e de esquerda, encastelados em sindicatos oficiais, controlados pelo governo. Sindicatos esses mantidos pelo imposto sindical, que é um roubo ao nosso bolso, servindo a partidos políticos e articulados, atualmente, em torno da CUT e da CGT.

Essas correntes reformistas têm profundos vínculos com poderosas organizações de financiamento internacional, como a "Pão para o Mundo", "Misericórdia" (Igreja), "Federação Sindical Mundial" (PC), "Confederação francesa Democrática do Trabalho" (Social-Democracia Francesa), entre muitas outras. Ao contrário deles, estamos tentando criar organizações independentes, o que significa dizer mantidas pelos próprios militantes, sem dinheiro do governo, dos patrões, ou de partidos, todos parasitas da sociedade. Assim sendo, nosso trabalho é extremamente difícil. Atualmente, podemos dizer que há um trabalho pró-COB em três estados: Rio Grande do Sul, São Paulo e Bahia. Os demais estão em fase embrionária. Tanto assim que fomos obrigados, por falta de recursos, a adiar o 2.º congresso.

IR — Com a greve geral convocada pelas cúpulas sindicais, que no final acabou esvaziada e, agora, uma outra marcada para agosto, pela coalizão CUT-CGT, como você avalia a atual crise sindical que o país atravessa? Que críticas você tem a fazer e quais as alternativas de luta que a reestrutur-

ração de uma central como a COB poderia apresentar?

LM — Estamos exatamente nos 70 anos da greve de 17. Quem teve a oportunidade de conhecer a história daquela greve, realizada inicialmente em São Paulo e que se espalhou pelo país, onde a COB teve efetiva participação, pode diferenciar muito bem a nossa estratégia de luta da dos reformistas.

Se pregamos a autogestão e uma organização popular, de base, combativa e revolucionária, é porque entendemos que os trabalhadores têm poder de fogo e capacidade bastante para, exatamente a partir da base, decidir suas lutas mais gerais. Uma greve geral convocada por cúpulas que vivem temendo a radicalização do processo, certamente contém vícios que condenamos. A greve geral deve ser um instrumento que possa colocar em xeque o capitalismo e a burguesia. Essas centrais não querem isso. Tanto que, antes de anunciar as datas que conchavaram para uma possível greve, seus dirigentes sentam-se com o governo e estabelecem que a greve dura 24 horas.

Queremos retomar o verdadeiro espírito da luta sindical. O sindicalismo no Brasil foi trazido pelos anarquistas e estes, até quando puderam resistir com suas organizações, demonstraram o verdadeiro caminho. As esquerdas reformistas querem salvar o modelo de sindicalista que Getúlio Vargas importou do fascismo, dando a ele uma roupagem progressista.

A situação de miséria é fruto da crise do capitalismo e a greve geral é um momento onde os trabalhadores podem não só conquistar melhorias econômicas mas também perceber que podem assumir o controle da produção. É por isso que apoiamos greves com ocupação, boicotes e sabotagens. A nossa proposta se diferencia por ser radical. O trabalhador não precisa de partidos que negociam em seu nome, mas necessita abolir de vez com esse estado de coisas que lhe coloca, quando bem a burguesia quer, no desemprego, na rua, sem moradia, sem acesso à terra e, por fim, quase sem dignidade.

IR — Você poderia adiantar alguma coisa sobre esse 2.º congresso que se realizará na Bahia. Que propostas o núcleo de São Paulo levará e que progressos foram concretizados nesse ano de articulações?

LM — O 2.º congresso deverá ser realizado ainda este ano mas sua efetiva consolidação passa por uma intensa discussão nos núcleos. Em julho, realizamos uma reunião nacional, para estabelecer as bases de acordo para ele (o congresso), defi-



nindo desde a data até a pauta e os critérios de participação. Dando início, a partir daí, ao processo de apresentação de propostas de como avançar na reconstrução da COB. O núcleo de SP, como os demais, estará engajado nesse processo. O congresso será o grande momento para se avaliar concretamente se tivemos avanços. Se não tivemos, quais as razões. E, por fim, que rumos tomaremos.

É importante ressaltar que somos internacionalistas e nessa perspectiva estamos alinhados à Associação Internacional dos Trabalhadores, que foi reconstituída em 1922 e tem sede na Espanha. Essa associação realizará seu 18.º congresso na França e, esperamos, até lá, passar da fase pró-COB para COB/AIT.

IR — Como é que pessoas, digo, trabalhadores ou grupos de trabalhadores interessados em conhecer mais detalhadamente sobre a COB podem fazer contato com os núcleos? Existe algum endereço para correspondência?

LM — O secretariado mantém a caixa postal 10.512-CEP 03097-SP. Qualquer pessoa interessada pode pedir informações. O importante é que se identifique com nossa proposta e procure estar articulada em grupo, o que possibilita novos embriões de núcleos.

IR — Leonardo, em São Paulo, qual o trabalho efetivo realizado pelo núcleo pró-COB e, concretamente, que resultado se obteve?

LM — Temos companheiros de várias categorias, especialmente bancários, trabalhadores em comunicação e ferroviários. Nessas categorias, tivemos uma posição marcante que, inevitavelmente, gerou repressão. No caso dos bancários, chegou a ser formada uma liga de oposição sindical e, em razão da última greve nacional da categoria, tivemos companheiros demitidos ou transferidos para outros estados. Na comunicação, há também uma liga que chegou a pregar voto nulo e abstenção na eleição do sindicato oficial, sofrendo repressão de direita e de esquerda. No caso dos ferroviários, chegamos mais longe, no comando de uma greve exigida pelas bases e contra a empresa e o próprio sindicato oficial.

De tudo isso, aprendemos que a mensagem revolucionária dos anarco-sindicalistas tem ressonância entre os trabalhadores e, na medida em que temos condições de criar uma organização com esses princípios, a luta é violenta. Num país onde temos grandes organizações de massa mas a massa não está organizada, cabe aos anarquistas e aos anarco-sindicalistas a criação dessa alternativa revolucionária. É claro que isso não é tarefa fácil, tanto assim que estamos, atualmente, em refluxo nessas categorias. Mas as perspectivas são positivas, desde que, mesmo em poucos, não deixemos que a idéia morra. E que não nos confundam com utopias

banais. As utopias são a luz da civilização, basta coragem.

LR — Em relação à convenção 87 da OIT, o que você teria a dizer? E essas mudanças previstas no projeto de constituinte, o que realmente muda e o que não muda, na sua opinião, no que diz respeito a Sindicalismo?

LM — Quanto à convenção 87, ela está há mais de 40 anos para ser aprovada. Devemos conquistar o direito de ter sindicatos livres já. Criando Associações e desenvolvendo lutas, ou seja na prática.

Quanto à constituinte, a consideramos uma câmara de parasitas que representam o poder constituído. Nela estão alguns pseudo-representantes dos trabalhadores que, certamente, já conchavam com aqueles que na campanha eleitoral combateram. Tanto que o deputado Lula chegou a firmar acordo com o deputado e ex-malufista Afif Domingues. Acreditamos que nenhum trabalhador pode ter esperança em constituinte como em nenhum partido e em nenhuma solução que passe pelo estado. Qualquer mudança nas leis sociais referentes aos trabalhadores serão para ficar apenas no papel. Não acreditamos em nenhuma delas.

LEONARDO MORELLI, 27 anos, é militante anarco-sindicalista, ferroviário cassado após a greve da categoria, 4/11/86, liderada pela Liga dos Trabalhadores Ferroviários, que atua como sindicalista paralelo.

Recado aos trabalhadores

FERROVIÁRIOS E PASSAGEIROS:
LEONARDO MORELLI

O Centro de Cultura Social, mantendo sua tradição de rememorar os grandes eventos das lutas sociais e libertárias do povo, realizou, em julho, um Ciclo de Conferências comemorativas dos 70 anos da Greve Geral de 1917. É bom lembrar que foi exatamente nesse dia de 1917 que, após o assassinato pela polícia do sapateiro José Martínez — no Brás —, eclodiu a maior e mais importante Greve Geral da história do movimento operário brasileiro.

Este foi um evento importante, não só pela sua extensão, ineditismo e virulência. Não apenas pelos desdobramentos e consequências, mas principalmente pelas grandes questões políticas e sociais que levanta ainda hoje — quanto à elaboração de uma estratégia de lutas das camadas oprimidas do povo brasileiro. Sim, porque a questão central do movimento de 17 é a de COMO LUTAR.

OS ANTECEDENTES DA GREVE

O movimento operário brasileiro vinha se organizando penosamente desde fins do século passado. Primeiro, nas cidades mais industrializadas como: São Paulo, Campinas, Jundiaí, Rio de Janeiro, Niterói e Porto Alegre, que logo viram surgir as primeiras greves, sindicatos e jornais operários. Logo essa organização começa a estender-se. Realizaram-se os dois congressos operários, um em 1906 e outro em 1913 (o terceiro vai ser realizado em 1920), nesses congressos, o ANARCOSINDICALISMO define-se como o princípio organizador dos sindicatos brasileiros, em oposição às correntes social-democratas (os comunistas nem sequer existiam) e católicas. Logo, cidades menores vão sediar movimentos ativos como: Curitiba, Campo Grande, Belém do Pará, que chegam a enviar delegações para os Congressos e a criarem suas Federações Operárias locais e a dar vida à COB (Confederação Operária Brasileira), fundada em 1906.

Assim, o anarco-sindicalismo impulsionou uma organização popular de base, revolucionária e totalmente independente de governos e partidos políticos, defendendo especialmente os princípios da AÇÃO DIRETA, da SOLIDARIEDADE e da AUTOGESTÃO.

As campanhas de 1.º de Maio, a solidariedade a movimentos operários nacionais e internacionais, a luta pela paz e depois contra o fascismo, os grupos dramáticos de teatro operário, as escolas livres são facetas de um movimento que se espalha pelo país.

A GREVE

A Greve Geral de 17 surge como uma resposta radical do movimento contra a situação de extrema miséria e opressão. A guerra mundial tinha possibilitado à burguesia negócios fabulosos. A exportação, a

qualquer custo, de matérias primas era a fórmula de enriquecimento dos burgueses que vendiam a produção para os mercados dos países em luta. Essa situação provocava a eclosão de várias greves parciais, habitualmente massacradas pelos cavalheiros da polícia e do exército. Havia conquistas parciais como, por exemplo, a jornada de 8 horas que havia sido conquistada pelas categorias mais organizadas antes de 1915 (Construção Civil e Gráficos), mas as conquistas parciais não são a meta do anarco-sindicalismo, que luta pela abolição total do capitalismo, da sociedade de classes e do Estado.

As greves parciais se avolumam em junho de 17 e duas delas têm uma duração maior, a da Companhia Antártica e a da fábrica Mariângela do Matarazzo. Em 11 de julho daquele ano, durante manifestação de apoio aos grevistas, a polícia assassina o jovem sapateiro José Martínez, de apenas 19 anos. Em seu enterro, segue uma imensa massa humana e se transforma num ato de protesto.

Este ato desencadeia a revolta proletária. Estoura a greve que logo se generaliza em São Paulo para, nos dias seguintes, atingir o interior e outros Estados. Diariamente ocorriam assembleias no Brás, Barra Funda e Lapa; nas praças centrais de Santos, Jundiaí e Campinas e em outras ruas e praças da cidade paralizadas. O Governo tenta desembarcar tropas do exército no Porto de Santos mas a tentativa é frustrada.

Foi criado o Comitê de Defesa Proletária composto por oito anarquistas e um so-

cialista. O CDP não possuía, entretanto, nenhum poder de manipulação sobre a condução do movimento que era decidida nas assembleias. Deste modo a AUTOGESTÃO DA LUTA garantia a condução e a direção política do movimento sob controle direto das bases, ao contrário do que ocorre hoje, quando Greves Gerais são convocadas por cúpulas de dirigentes sindicais profissionais, sindicatos atrelados ao Governo através do Imposto Sindical, e a partidos políticos através de Centrais Sindicais reformistas que vivem temendo a radicalização do povo.

O CICLO

O Centro de Cultura Social rememora os 70 anos da Greve de 17, abordando três pontos básicos, ou seja: a história e o cotidiano daquela luta (dia 11), a autogestão das lutas sociais (dia 18) e as estratégias de luta sindical, para a qual convidou a CUT, CGT e COB (dia 25), veja o programa e participe, porque a história do futuro se constrói hoje, sem esquecermos as experiências educativas do passado.

Extraído da coluna *Recado aos Trabalhadores Ferroviários e Passageiros do NOTÍCIAS POPULARES*

Leonardo Morelli é ferroviário e da Oposição Sindical



O anarquismo e a moral

Errico Malatesta

Há quem ache que os anarquistas negam a moral, porque, sob o ponto-de-vista teórico, não admitem uma moral absoluta, eterna, imutável, e que, na prática, se insurgem contra a moral burguesa, que sanciona a exploração das massas e condena os atos que põem em perigo e prejudicam os privilegiados.

Esquecem-se os que assim pensam de que a moral corrente, além das regras inculcadas pelos sacerdotes e pelos amos, no interesse do seu domínio, existem também, e são na realidade as mais numerosas e substanciais, as regras que são o resultado e a condição de qualquer convivência social: esquecem-se de que a revolta contra toda e qualquer regra imposta pela força não significa de maneira alguma a renúncia a todo e qualquer freio moral e a todo e qualquer sentimento de obrigação para com os outros. Para combater racionalmente uma moral é indispensável opor-lhe, em teoria e na prática, uma moral superior. Dentro da moral burguesa, se nisso forem um pouco ajudados pelo temperamento e pelas circunstâncias, os homens acabam por ser tornar imorais na aceção

absoluta da palavra; isto é, sem regra de conduta, sem critério para guiar as suas ações, cedendo passivamente aos impulsos do momento. Hoje tiram o pão da boca para socorrer um companheiro, e amanhã matarão um homem para poder ir a um bordel!

A moral é a regra de conduta que cada indivíduo tem por boa. Pode achar-se má a moral dominante numa época, num país determinado, em certa sociedade, e, com efeito, nós achamos péssima a moral burguesa; mas não se pode conceber uma sociedade sem uma moral, seja ela qual for, nem um homem consciente que não tenha critério algum para julgar o que é bom e o que é mau para si e para os demais. Quando combatemos a sociedade presente, a moral egoísta dos burgueses, a moral da luta e da competência, opomos a moral do amor e da solidariedade, e tratamos de estabelecer instituições que correspondam a esta nossa concepção das relações entre os homens. De outra maneira, como poderíamos achar mau que os burgueses explorem o povo?

Outra afirmação daninha, que em muito



é sincera, mas que em outros é uma desculpa, consiste em que o atual ambiente social não permite sermos morais; e que, por conseguinte, é inútil fazer esforços, por meio dos quais nada se poderá alcançar; o melhor será cada um tirar o proveito que possa, dadas as presentes circunstâncias, sem

se importar com os outros, mudando depois de vida quando mudar a organização social. Certamente, todo anarquista compreende a fatalidade econômica que hoje constrange o homem a lutar contra o homem, e todo bom observador vê a impotência da revolta individual contra a força prepotente do meio social. Mas é igualmente certo que, sem a revolta do indivíduo que se associa aos outros indivíduos revoltados para resistir ao ambiente e tratar de o transformar, esse ambiente jamais se modificaria.

Todos nós, sem exceção, nos vemos forçados a viver mais ou menos em contradição com os nossos ideais; mas somos anarquistas, pelo que sofremos com essa contradição e pelo que nos esforçamos por diminuí-la o mais possível. No dia em que nos adaptássemos ao meio, naturalmente nos fugiria o desejo de o transformar, e nos converteríamos em simples burgueses, sem dinheiro talvez, mas nem por isso menos burgueses nas ações e nas intenções.



LANÇAMENTO



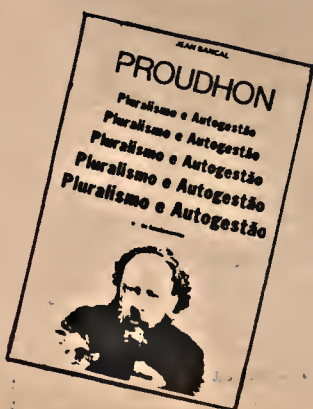
NOVOS TEMPOS EDITORA proporciona a seus associados do CLUBE DO LIVRO ANARQUISTA uma obra que vem preencher uma lacuna imperdoável que se manteve até este momento. O livro BAKUNIN POR BAKUNIN – Cartas permitirá que se conheça melhor um dos maiores teóricos do pensamento anar-

quista, defensor incansável, inabalável da liberdade, não aquela cantada em prosa e verso pelos poetas de aluguel ou pelos menestrelis do autoritarismo governamental, mas aquela que só é possível e desejada quando associada à luta ininterrupta pela realização de uma sociedade fundada na igualdade econômica e so-

cial.

Como disse tão bem um dos grandes historiadores deste século, Arthur Lehning, "Sua vida, suas atividades, suas idéias são uma negação permanente da autoridade e da ditadura. Seu nome é por si só um apelo à revolução e à liberdade".

OUTRAS PUBLICAÇÕES



LANÇAMENTO

**BAKUNIN
POR
BAKUNIN**

CARTAS



Novos Tempos Editora

Desejo me associar ao CLUBE DO LIVRO ANARQUISTA para gozar do desconto de 25% sobre o preço de capa. Peço que me enviem o(s) seguinte(s) livro(s):

preços para associados

- | | |
|---|-------------|
| ☐ BAKUNIN POR BAKUNIN | Cz\$ 135,00 |
| ☐ OS ANARQUISTAS JULGAM MARX | Cz\$ 105,00 |
| ☐ OS ANARQUISTAS E AS ELEIÇÕES | Cz\$ 90,00 |
| ☐ PROUDHON – Pluralismo e Autogestão | Cz\$ 112,50 |

Nome:

Endereço:

Cidade:

Cep:

Estado:

Data:

Assinatura

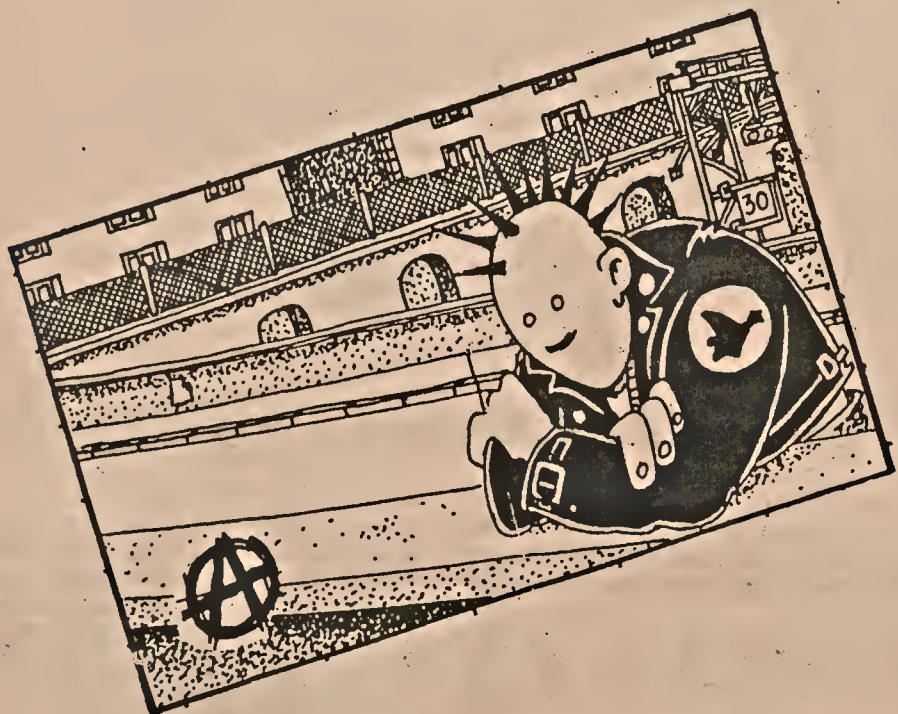
Anexar a este cupom devidamente preenchido um cheque em nome de NOVOS TEMPOS EDITORA no montante correspondente ao valor da encomenda.

NOVOS TEMPOS EDITORA

Caixa Postal 07-1047 CEP 70.359 Brasília - DF

Punks not dead ou política pura

Rita (Coletivação — Brasília)



O movimento punk, desde seu aparecimento na Europa, inicialmente na Inglaterra nos anos 70, tem sido alvo de muita controvérsia: a esquerda, nega seu caráter revolucionário; os neoliberais o exaltam pelo seu *no future*; as autoridades e reacionários, os consideram baderneiros e destruidores. Agora, os comentários são a respeito do fim do movimento punk e, entre outros setores, sobre seu caráter político ou não.

Eu vejo o movimento punk como uma das formas de expressão da revolta, mais particularmente da juventude, contra uma

sociedade que mantém a riqueza e o luxo ao lado da miséria mais absoluta, a impossibilidade de expressão, a censura, o autoritarismo da família, dos professores, do Estado, que induz à violência, à miséria sexual, à anulação das pessoas.

Mas apesar disso, a esquerda e a maior parte mesmo dos punks insiste em que o movimento punk não é político.

Esse assunto é também interessante porque cria a oportunidade para os anarquistas colocarem sua definição do que é "político". É bastante compreensível que

os punks repudiem tanto este termo. Afinal, seu significado mais corrente está ligado aos partidos, às eleições, ao congresso nacional, às prefeituras, à política-gem, à enganação, à corrupção, às forças armadas.

Porém, o político do qual falamos aqui tem um outro sentido. *Tudo é político*, na medida que intervém na organização da sociedade ou é determinado por esta. Assim, a forma como amamos, como transamos, como comemos, nosso gosto estético, os nossos valores são também fruto da forma como é a sociedade. Mas apesar de o meio determinar tanto nosso comportamento, nós não somos escravos dele. Podemos mudar e as mudanças se dão quando grupos ou pessoas dessa sociedade, insatisfeitos com os padrões que ela lhes impõe, passam a adotar novas posturas diante dela. Por exemplo: mulher que fumava em público no início do século era prostituta. No entanto, surgiram mulheres que passaram a fumar desafiando essa norma, apesar de não serem prostitutas. Claro que enfrentaram muitos problemas, mas conseguiram estabelecer um novo padrão para elas próprias e para a sociedade. Parece que é só assim que as mudanças se dão: na prática, pela DESOBEDIÊNCIA às normas, sejam elas formais (leis, decretos) ou informais (padrões de comportamento social).

Então, político é também isso, as nossas realizações no dia-a-dia. Se somos acomodados na vida social e na nossa vida pessoal, nossa política é a da continuidade da ordem vigente. Se somos pelas transformações, nossa política é revolucionária. E os punks são, no meu modo de ver, dos grupos mais revolucionários atualmente: pela sua contestação ao sistema, à família, ao Estado, ao trabalho, aos padrões estéticos. Assim é que o punk é político. É claro que existe também sua participação a nível da política, em sua significação mais usual, como por exemplo no movimento pacifista da Inglaterra (a banda e comunidade auto-

gestionária CRASS), ou organizados em coletivos anarquistas (O Coletivo Libertário de São Paulo) ou até em partidos políticos (simpatizantes do PT).

Cabe aqui colocar uma das críticas que tenho aos punks, que vale também como um pedido de reflexão. É que eles consideram todas as demais pessoas inimigas a serem combatidas. É compreensível esta atitude, porque sabe-se que eles são um dos alvos favoritos da polícia e de grande parte da população, justamente porque mexem na ordem, incomodam, subvertem. Subvertem os símbolos (a cruz, a suástica), subvertem o rock, os jeans da moda... Mas isso não pode servir de pretexto para agressões gratuitas. É preciso haver a compreensão de que nem tudo que é diferente dos punks é contra os punks. De qualquer modo, somos incondicionalmente a favor da existência de todos os grupos, movimentos ou pessoas que são contra o autoritarismo, contra a exploração e que usam já, em seu cotidiano, formas de expressão que colocam tal repúdio.

É corrente ouvir-se que acabou o punk, o punk está morto. Pode ter morrido na forma como surgiu na Europa, já há tanto tempo. Morreu o Sid Vicious, surgiram outros. Não morreu o punk como expressão do inconformismo, do repúdio a esta ordem. Do mesmo modo não morreram também o movimento beat, o movimento hippie e todos os que contestaram também o movimento beat, o movimento hippie e todos os que contestaram. Eles fazem parte do esforço que nossa sociedade exerce para se modificar e sair do autoritarismo e da miséria. Assim, os punks não morreram como idéia e ainda podemos vê-los nas cidades, não pagando água / não pagando luz / não pagando telefone / não pagando BNH (*)

(*) — Referência à letra da música um conjunto de punk-rock de Brasília, o "Detrito Federal"

A Prostituinte já encheu o saco

Elton (Órgão Asno — Curitiba)

Com o nascimento da chamada Nova República, grande parte dos brasileiros ficou parecendo um bando de "tias velhas", que, por falta do que fazer, ficavam vigiando todo mundo e acreditavam em tudo o que o Jornal Nacional falava.

Assim aconteceu com o Cruzado I. Com o surgimento do fiscal do presidente, todos acreditaram no congelamento e no Santo Sarney. Vieram as eleições e os partidos situacionistas venceram, conseguindo a maioria na Assembléia Nacional Constituinte. Cinco dias depois veio a grande frustração nacional: o Cruzado II. Nesse momento, os salários desvalorizaram-se, os preços subiram e todos acabaram descobrindo que o plano econômico era, acima de tudo, eleitoreiro.

Depois disso, todos canalizaram suas atenções e esperanças para a elaboração de uma constituição "livre e soberana". Nem quatro meses de trabalho da Assembléia Nacional Constituinte se passaram e todos perceberam que ela não passou de uma enrolação. Todos já estamos cansados de ouvir as promessas "de um mundo melhor...", feito pelos políticos e pelos partidos. Tudo besteira: já encheu o saco!

Nesta hora de desesperança, nós, que



nunca acreditamos em toda esta babaquice, temos que nos posicionar e acabar com esta "droga". A primeira grande manifestação nesse sentido, deve ser a imediata deflagração, anível nacional, de uma CAMPANHA PELO VOTO NULO.

NÃO SUSTENTE PARASITAS, ANULE O "SEU" VOTO!

Pensamento de Kropotkin

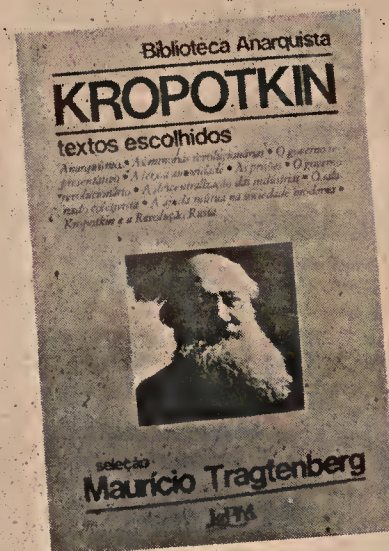
O número de publicações que existe no Brasil, hoje, sobre anarquismo, é muito grande. Não é um fenômeno isolado de um livro ou outro, mas uma série de trabalhos que vão se sucedendo sistematicamente. Existe um público crescente que consome avidamente esses trabalhos e por isso as editoras colocam no mercado livros sobre anarquismo. Talvez, a depender do livro, seja a corrente de opinião que mais venda no país.

Nosso jornal, por exemplo, esgotou sua edição rapidamente, surpreendendo a todos aqueles que colaboraram na sua feitura.

A seleção de textos de Kropotkin é importantíssima. Foi entregue a um competente estudioso de nossas idéias, Maurício Tragtenberg, que selecionou com critérios que envolvem suas preocupações e também as de uma grande maioria que pensa o socialismo e se preocupa com ele.

Assim sendo, o primeiro texto conceitua o anarquismo. Já no segundo, ele toca num problema importante, que é a relação da minoria revolucionária com a massa aparentemente acomodada, mas que, numa crise institucional grave, assume posições revolucionárias.

Atualíssimos, todos os textos. Impressionante como os posicionamentos de Kropotkin sobre as prisões, por exemplo, coincidem com autores atuais como Foucault e tantos outros. As críticas à revolução russa mostram a boa vontade dos anarquistas com a implantação do socialismo autoritário. No sentido de acreditar neles e ajudá-los até onde fosse possível ou até onde aquilo se re-



velou ser um atraso para o socialismo, transformando-se, de fato, na colocação no poder de uma *troupe* de pequenos burgueses intelectualizados encastelados num partido autoritário e golpista.

Um livro obrigatório para todos aqueles que querem conhecer o pensamento de um homem que foi uma das consciências mais lúcidas do início de nossa época.

DIZEM AS MÁS LÍNGUAS...

Drogai-vos, irmãos!

Numa sociedade onde o grau de picaretagem e mau caratismo é proporcional à alienação e medo da liberdade, só muito otário para acreditar que o Estado que produz ondas de foma e miséria absoluta, está preocupado com a nossa saúde física e mental quando discursa e proíbe as drogas. Nos trata como mercadoria descartável, vide operários que perdem membros do corpo e são substituídos como se nada tivesse acontecido, para aumentar, sim, a Saúde Física e Mental de seus patrões, que não me enganam não, são psicopatas mesmo. Na terra do deboche, a polícia pinta ao lado do farão para nos "proteger" espancando-nos, humilhando-nos por sermos negros, pobres ou estarmos no Pelourinho com um simplérrimo baseado (que pobreza!). O que eles não dizem e não têm interesse de dizer é que as drogas podem se constituir num puta canal de libertação quando devidamente utilizadas. Infelizmente existem vermes que além de tomar DANONINHO e surfar tomam drogas e devido à sua condição de vermes confirmam a tese do Estado. O mais grave de tudo isto é que nos proibem de fazer com nosso corpo o que bem quisermos, se apropriam de nosso corpo e nos dizem quando e como devemos morrer. Enquanto vocês proibem, eu vou fazer cocô. (Mimoso).



Jorge Luís, cidadão honesto, trabalhador, foi seqüestrado dentro de casa pela Polícia Militar da Bahia. E sumiu.

Polícia seqüestra operário

A Polícia da Mudança, chefiada por um secretário que é ex-torturado (oh! que delícia de currículo!), do n.º 19 deste jornal até o presente número, já matou gente que não acaba mais. Como sempre, tudo negro, tudo pobre. Na maioria das vezes, inocentes pegados "por engano", como se fosse acertado pegar alguém pra matar. A última vítima da Polícia da Bahia, especificamente o Batalhão de Choque da briosa PM, é o jovem Jorge Luiz Floquet da Rocha, preso numa diligência conjunta das polícias Civil e Militar. A Civil pegou o irmão de Jorge e, como viu que não tinha nada a ver com nada — soltou. A Choque nem deve ter perguntado nada a Jorge, pois ele sumiu, embora seja um encanador, trabalhador, com endereço conhecido e vida corretíssima. Mas é negro (ou era, pois

está sumido e a Choque não diz o que fez com ele) e pobre e, então, não apareceu mais desde o começo de julho, quando foi preso arbitrariamente, sem acusação formal, sem mandado judicial. Os policiais destruíram a casa da mãe dos rapazes, sem mais nem menos. Por pura truculência. E a mãe nem foi recebida pelo "seu" Ênio Mendes.

Enquanto isso, o governador do PMDB das mudanças, Waldir Pires, estava na assembleia fazendo um lírico discurso contra a divisão da Bahia. Fazendo o seu papel de democrata da democracia de brancos intelectuais de classe média pra cima. Nossa praga do dia: tomara que dividam a Bahia em dez estados e o que sobrar seja entregue a Sergipe!

Rabo de palha

Um certo deputado federal baiano pelo PMDB, que, desde que se elegeu vereador, faz discursos altamente "de esquerda", não compareceu à manifestação contra o "apartheid", pro-

movida no Pelourinho, em Salvador, porque, dizem as más línguas, é advogado de uma empresa sócia de uma mineradora na África do Sul.

Votou nos home?! Agora, güenta!

Este jornal é mesmo uma anarquia, no mau sentido. Nos desculpem, mas o número anterior, era 19, e a nossa rapaziada pois número 1. "O Inimigo" errou!

Lula e os militares



Lula na Escola Superior de Guerra (ESG): a nova musa das casernas.



"Raul Rock Club"

Recebemos do "Raul Rock Club II — Raul Seixas" (Caixa Postal 7018 — Recife — PE — CEP 50.772, fone 339-0728) o número 15 da sua publicação "O Trem das 7".

O tesão de Roberto Freire

Grupo Soma (São Paulo)

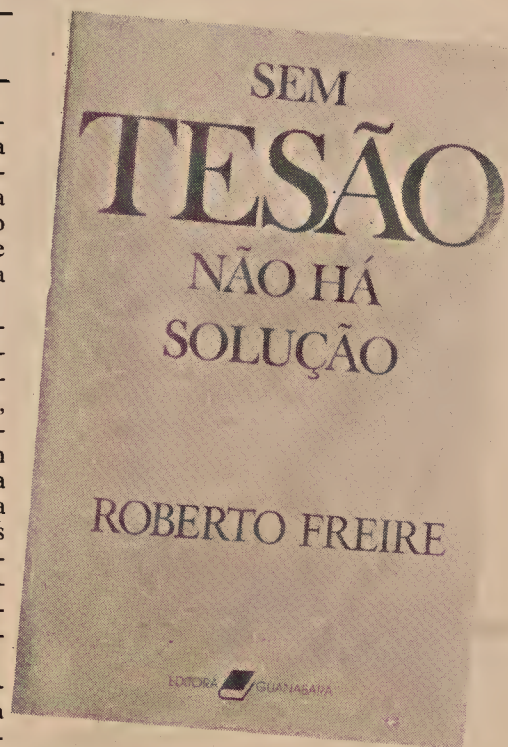
Falar sobre "Sem Tesão não há Solução", último livro de Roberto Freire, é, de certa forma, falar sobre a história contemporânea da luta pela liberdade. A partir da própria vida do autor, que se caracteriza por essa busca incessante de novos caminhos para um socialismo libertário, através da linguagem artística (livros, TV e teatro), da militância na resistência clandestina ao golpe de 64 e do esforço científico de reinventar a psicologia, tendo como referência a política, através do processo de grupo criado e desenvolvido por ele, a Somaterapia.

O livro vai revelando-se como uma síntese entre o processo da história que se faz neste último século e a paixão, o desespero e o prazer de um homem em luta por sua condição de sujeito desta mesma história. São os erros, as porradas, os momentos de beleza intensa e de dúvida que assaltaram Roberto Freire em sua batalha, que compõem a tecitura e a trama do mosaico desses textos; é da fusão criativa que se dá entre a sensibilidade da pessoa e as experiências — únicas — de seu tempo, que se desti-

lam a clareza e o radicalismo de seu anarquismo, assim como o lirismo e a poesia com que fala do amor, da arte, da liberdade. Este é, talvez, o maior mérito de sua obra: extrair da vida não a desilusão e o conformismo adaptadores, mas lucidez e sentimento transformados em esperança revolucionária.

Mas "Sem Tesão..." vai além de seu valor como obra literária e humana. Ao refletir sobre família, droga, sexo, política, ecologia e outros elementos do cotidiano, Freire consegue transformar o que ele próprio chama de "livro confessional" num poderoso instrumento de reflexão crítica sobre as estratégias a serem adotadas para a transformação da sociedade. Não apenas porque traz posições originais e inquietantes acerca destes temas, mas principalmente por serem reflexões sobre experiências vividas, que remetem o leitor à sua realidade e à sua ação o tempo todo.

Impossível acompanhar o autor revelando-se anarquista graças a Eros, ou ainda um drogado assumido, público e autônomo, sem pensar no mal-estar que ele pro-



voca no seio da família burguesa tradicional, nas repartições, em todos os lugares e pessoas que abriam mão de sua utopia. Mal estar a partir do próprio título, que estampa a alegria, a beleza e o desejo reunidos semanticamente na palavra *tesão* — e nada melhor para provocar o conservadorismo do que beleza, alegria e desejo reunidos numa palavra sensual. Mas provoca também mal-estar nos amantes que querem forjar o paraíso no amor retirando-lhe a liberdade; dos sexólogos, militantes de partidos, psicanalistas, católicos, mal-estar inevitável para qualquer um que não esteja vivendo já, no seu dia a dia, a revolução em suas relações imediatas de poder. Porque o que o livro traz de mais incisivo é justamente a consciência de que já não basta criticar a família, o Estado, a política e a repressão à liberdade individual. A "Utopia Já" deixou de ser uma proposta ética e subjetiva para transformar-se numa necessidade prática e inadiável de correção ecológica da história do homem. Freire mostra como foi e é sua militância tesuda em busca de uma sociedade libertária, militância da qual este livro faz parte. E "Sem Tesão..." nos manda um recado, provocador e estimulante: é conosco, com nossa coragem de ousar. Com paixão. E agora.

O que é um jornal autogestionário?

"O Inimigo do Rei" é uma publicação de caráter autogestionário. É uma experiência nova no Brasil, um jornal sem censura de nenhum tipo. É feito e administrado pelos coletivos pró-federação anarquista, sendo propriedade deles.

Numa época que toda a imprensa alternativa está em crise ou desapareceu, quando só existem jornais de dois partidos comunistas com pequena circulação popular, ficando cada vez mais como jornais de circulação interna desses partidos, editamos "O Inimigo do Rei", que chega ao número 20.

A única coisa que permite a sua manutenção, exclusiva pela venda, é a autogestão, a solidariedade dos coletivos nas vendas e na sua distribuição, é o jornal ser de fato de todos aqueles que participam desses coletivos. Ele só é possível de ser editado por ser feito inteiramente de acordo com as propostas anarquistas. Se fôssemos um bando de intelectuais não sairíamos dos primeiros números como tantas publicações que conhecemos.

COMO É UM JORNAL FEITO NESSES MOLDES, SÓ ESCREVEM PARA ELE AQUELES QUE FAZEM PARTE DOS COLETIVOS ANARQUISTAS. PARA NÓS, É FUNDAMENTAL QUE O TRABALHO INTELECTUAL SEJA RESULTADO DO TRABALHO DA MILITÂNCIA DIÁRIA NAS REUNIÕES; PALESTRAS ASSEMBLÉIAS E ORGANIZAÇÃO DO MO-

VIMENTO ANARQUISTA HOJE NO BRASIL.

Intelectuais brasileiros, escritores de todos os tipos, hoje muito "anarquistas" para o nosso gosto, por favor não nos mandem artigos porque a Bahia não tem autoridade para publicar nada. Um estudante secundarista que faça parte de um nosso coletivo, em qualquer cidade do Brasil, tem mais poder que nós para dizer o que vai sair se o seu coletivo possui uma parte do espaço do jornal, naquele número. Não gastem o selo do correio. Não temos dinheiro para lhes devolver os originais. Não estamos interessados em "nível". Achamos que isso é uma censura disfarçada e inventada pelos intelectuais burgueses para perseguirem-se uns aos outros. Nosso jornal reflete o pensamento do militante diário, daquele que carrega panfletos nas sacolas. Achamos que cada um pode refletir em palavras o que vive, com o que se preocupa, muito mais do que gente que só quer "brilhar" e se autopromover. Até agora, o "nível" tem sido mantido indiretamente. É a ironia da vida. Quem gosta de nivelar os outros fica sempre abaixo do nível. Nós não queremos nivelar. Queremos expressar. Mas expressar todos. Todos os que trabalham pelo movimento. Não aqueles que querem expressar suas individualidades burguesas para se sentir admirados em meias intelectuais. Evidentemente, isso não nos interessa.

Endereços libertários

Se você quiser entrar em contato com entidades libertárias, escreva para: "Coletivação", Caixa Postal n.º 02-266, Brasília-DF, CEP 70.001; "Gajo", Caixa Postal n.º 68.003, Rio de Janeiro-RJ, CEP 21.944; "Centro de Cultura Social", Caixa Postal n.º 10512, São Paulo-SP, CEP 03097; "Centro de Documentação e Pesquisa Anarquista", Caixa Postal n.º 2540, Salvador-BA, CEP 40021 e "Coletivo de Porto Alegre", Caixa Postal n.º 5036, Porto Alegre-RS, CEP 90041.

(Esses coletivos permitiram a divulgação das suas caixas-postais).

Seja você também um inimigo do rei

"O Inimigo do Rei" é sustentado com as contribuições dos membros dos coletivos. VOCÊ também pode ajudar, anonimamente (se não quiser se comprometer) ou nominalmente (e, aí, a gente lhe agradece pelo jornal). Basta que VOCÊ vá a qualquer agência Bradesco Instantâneo e faça um depósito para a conta n.º 23.180-0, Agência Campo da Pólvora, Salvador-Bahia.

Qualquer quantia será bem-vinda, pois os custos de impressão são altíssimos, pois é através dos altos custos gráficos que a burguesia cala os dissidentes no Brasil.

Abaixo as eleições diretas;

Pratique a ação direta!

Pratique a desobediência civil!



Círculo Anárquico de Atenas

O anarquismo no mundo

Apoio italiano aos companheiros chilenos

Anarquistas atenienses decidiram abrir um centro cultural com a finalidade de difundir o pensamento anarquista e de reverter o movimento anarquista da Grécia por todo o mundo. Este centro será dotado de um serviço de biblioteca (livros, jornais e revistas), de uma sala para a projeção de filmes e realização de palestras.

Os companheiros atenienses fazem um apelo de apoio internacional. Trata-se de um esforço considerável, devido às tensões sociais que reinam hoje na Grécia. Toda forma de solidariedade será bem aceita. Para contato: Fotis Fotiu, Olífu 3, Ano Patisia, PT 11142, Atene (Grécia).

A Federação Anarquista Italiana, em colaboração com o secretariado da IFA (Internacional das Federações Anarquistas) e CRIFA, organizaram um ciclo de conferências pela Itália com um companheiro do Movimento Anarquista Chileno, proveniente de Santiago, dois exilados chilenos (um residente na França e outro na Itália) e um membro da IFA.

Foram realizadas palestras em Nápoles, Milão, Carrara, Livorno e Imperia. Nessa ocasião, foi preparado um manifesto de apoio aos companheiros chilenos.



SIM

AUTOGESTÃO GENERALIZADA.
LIBERDADE SEXUAL.
PLURALISMO SINDICAL.
DIREITOS DAS MINORIAS.
GREVE GERAL EXPROPRIADORA.
COLETIVISMO AGRÁRIO.
DESOBEDIÊNCIA CIVIL.
SORVETE DE MANGABA.
FEDERALISMO.
AÇÃO DIRETA.
ANTIMILITARISMO.
DIREITO DE NÃO VOTAR.